

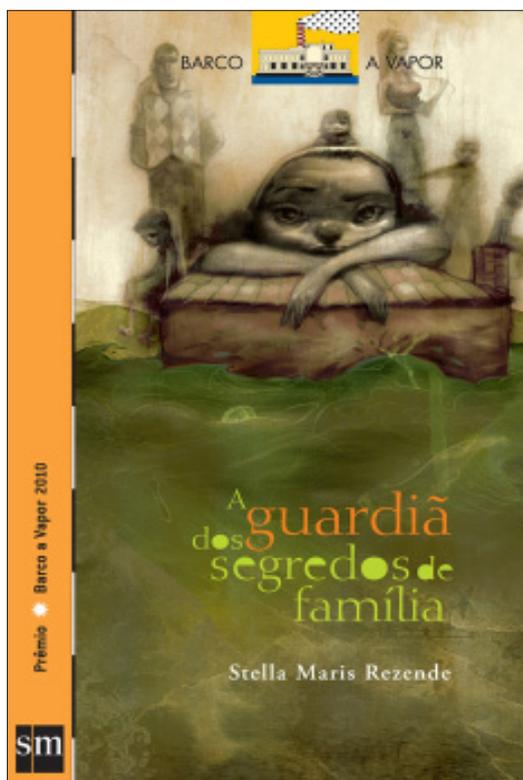
A guardiã dos segredos de família

Stella Maris Rezende

Temas Pobreza • Orfandade • Exploração • Maus-tratos à infância • Resiliência



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série laranja nº 27
80 páginas

O LIVRO *Nenezinha* tem apenas 13 anos e decide assumir uma tarefa extremamente difícil: criar quatro sobrinhos, com idades entre 8 e 11 anos, que perderam a mãe no parto do quinto irmão, morto ao nascer. Oficialmente, quem tem a guarda das crianças é o casal de tios Sebastião e Delminda. Porém Delminda é cruel, egoísta e obriga os enteados a trabalhar sem descanso em serviços domésticos, além de racionar comida e roupas. Ao longo da lírica narrativa de Stella Maris Rezende, veremos Nenezinha desempenhar sua tarefa com coragem, inteligência e amor, guiando a família e mantendo-a unida em meio à adversidade e à tragédia.

A AUTORA **Stella Maris Rezende** nasceu em Dolores do Indaiá, Minas Gerais, mudou-se em 1962 para Brasília e mora desde 2007 na cidade do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (UnB), ela é professora, cantora, atriz, artista plástica, dramaturga, escritora e contadora de histórias. Publicou mais de uma dezena de livros adultos e infantojuvenis, entre romances, novelas, crônicas, contos, poemas e uma peça teatral. Recebeu prêmios importantes, como o Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro (1986, 2001 e 2008), o Prêmio Bial Nestlé, categoria infantojuvenil (1988), o Prêmio Literatura para Todos (MEC), categoria conto (2008), e o Jabuti de melhor livro Juvenil (segundo lugar), em 2012, por este *A guardiã dos segredos de família*. Com a oficina *Letras mágicas*, viaja pelo Brasil e por outros países de língua portuguesa, a convite de escolas, universidades, bibliotecas, centros culturais, congressos e feiras do livro.

Mergulhando na temática

RESILIÊNCIA

O modo como Nenenzinha enfrenta as adversidades em sua vida pode ser identificado com o conceito psicológico de resiliência. Definida originalmente pela Física, resiliência é a capacidade que alguns materiais têm de absorver energia quando deformados, sem romper-se. Um material resiliente acumula energia para depois liberá-la, retornando a sua forma anterior.

O termo passou a ser utilizado pela Psicologia nos anos 1970, definindo a habilidade demonstrada por alguns indivíduos para lidar com o estresse e a adversidade sem que isso destrua sua vida ou afete seu desenvolvimento. Uma pessoa resiliente é capaz não só de retornar ao estado normal de funcionamento depois ou durante a experiência adversa, mas também de sair dela fortalecida, melhor, mais preparada para a vida. Além disso, os estudiosos do conceito consideram que a resiliência não é inata, e sim fruto de uma construção. A infância seria o período ideal para desenvolvê-la, o que depende de vínculos com adultos acolhedores, cúmplices, incentivadores, que apostem nas capacidades de superação da criança.



INTERPRETANDO O TEXTO

ESTRUTURA NARRATIVA

A *guardiã dos segredos de família* divide-se em três capítulos, entre os quais não há propriamente progressão temporal linear. Eles retratam episódios diversos da vida familiar da protagonista, e a ação transcorre no interior de Minas Gerais, em Morada Nova. A região mineira também é referida por meio da cidade natal de Nenenzinha, São Gotardo, e, sobretudo, pela represa de Três Marias, que tem importante papel na narrativa, funcionando como uma espécie de antagonista de Nenenzinha. Não por acaso, os três capítulos terminam com a inundação causada pelo transbordamento das águas da represa e o salvamento da família pela menina.

Nenenzinha é caracterizada como alguém aparentemente frágil, mas, no fundo, muito forte e madura aos treze anos. Além disso, ela “cresce” em situações de conflito ou perigo – “ela ficava enorme quando queria mesmo uma coisa” (p. 11) –, demonstrando sua capacidade de resistir à adversidade, sua **resiliência**. O hábito de raspar as unhas das mãos nos muros da cidade revela que muito de sua força vem do sofrimento: ela “enfiava neles as unhas das mãos, para sentir gastura, sofrer um pouco, praticar coragem” (p. 7). Ambas as situações – o crescimento em situações adversas e a relação de atrito com o mundo físico, com os muros – são reiteradas ao longo do livro, marcando o caráter repetitivo, não linear da narrativa.

Os segredos familiares aparecem aos poucos: a carta de Delminda, que depois descobriremos ser prova de seu adultério; os pães que Nenenzinha furta para os sobrinhos e os que Tião manda às escondidas para o orfanato; os “causos” de família; a obsessão de Célia pela morte; os irmãos em disputa pelo amor da mesma menina. No entanto, excetuando a inundação, que já aparece no primeiro capítulo, não há, de fato, nenhuma grande revelação ou reviravolta na história, ainda que o narrador insista em utilizar três vezes, com pequenas variações, a seguinte expressão temporal: “Muitas outras coisas aconteceram, antes da inundação” (p. 42). O recurso provoca certo suspense no leitor, que fica curioso sobre os fatos anteriores à enchente, sobre os “segredos” que serão revelados na narrativa. Há constante tensão, ameaça de violência e morte pairando no ar... Qual será a próxima maldade de Delminda? Mexendo no cinto, Sebastião dará uma surra em Nenenzinha por causa dos pães roubados? Sem receber os

► Dessa perspectiva, Nenenzinha parece ser alguém que cresceu em um ambiente promotor de resiliência. Suas atitudes também demonstram a força que ela retira da adversidade. Sem ser obrigada, ela decide por conta própria assumir o cuidado dos sobrinhos, o que acarreta seu amadurecimento precoce (aspecto central do livro, ao lado do desamparo das crianças). Seu “agigantamento” nos momentos mais difíceis da narrativa é o maior símbolo disso, belamente traduzido em imagens nas ilustrações de Leguy.

A resiliência não exclui, contudo, a fragilidade. No final do terceiro capítulo, há um momento em que podemos ver com clareza o lado vulnerável de Nenenzinha. Sebastião agradece à irmã usando o carinhoso diminutivo “irmãzinha” pela primeira vez. A menina fica comovida: “Deu uma alegria enorme. Uma alegria maior que ela, muito maior, por mais gigante que ela pudesse ficar” (p. 74). Aqui ela se mostra pequena, fragilizada pela necessidade de afeto e proteção. Mas do maior apequenamento vem a maior força. Força que se manifesta na situação da enchente, em que Nenenzinha consegue salvar a família, mantendo o autocontrole.

cuidados médicos de que necessita, Célia morrerá? Nessas situações todas, Nenenzinha intervém, evitando que os males se agravem e caminhem para a tragédia. “Muita coisa aconteceu” refere-se, assim, não a desfechos trágicos, mas a dificuldades que, fazendo Nenenzinha crescer, dão corpo e densidade à narrativa.

REPETIÇÃO E VARIAÇÃO

A estrutura não linear de *A guardiã dos segredos de família* é marcada não só pela repetição, mas também pela variação. Um bom exemplo disso são as mudanças nos três relatos da enchente.

No final do primeiro capítulo, o inesperado acontece: a inundação é furiosa e traz destruição, morte, desamparo. “Era uma família destroçada: uma tia madrastra, um tio padrastra, quatro órfãos e a tia menina. A tia miudinha, que ficava enorme quando queria mesmo uma coisa, mas agora sem rumo e sem muros para enfiar as unhas das mãos” (p. 28).



MEMÓRIA

Em *A guardiã dos segredos de família*, a memória mostra seu poder restaurador: graças a ela, as crianças conseguem reaver a infância que Delminda teima em roubar-lhes.

O compartilhamento de experiências é essencial: Nenenzinha e seus sobrinhos estão sempre conversando, contando histórias, lembrando, rindo. Isso os mantém unidos e livres, Delminda não pode interferir em suas conversas. A memória e também a capacidade de imaginação e fabulação agem contra a destruição dos laços familiares, a violência, o medo, o ressentimento: “Eles riam muito. E se salvavam da fome e da sede de vingança” (p. 22).

Um dos recursos usados por Nenenzinha é a leitura do diário de outra menina mineira, *Dorinha e sua vida de menina*: “A história da menina de Montes Claros a encantava, fazia crescer dentro dela uma vontade de mudar coisas, inventar um mundo diferente” (p. 21). Quando as crianças estão silenciosas, o que é raro, Nenenzinha lembra-se do diário e decide lê-lo com os sobrinhos, assim como seus pais faziam com ela. Aqui, entrelaça-se a história de Nenenzinha com a de seus sobrinhos, assim como as memórias de Maria Auxiliadora Loreto misturam-se com a experiência da protagonista, dando-lhe forças para continuar: “Sempre que doía muito a saudade dos pais e dos irmãos em São Gotardo, Nenenzinha conversava com os muros mais velhos, os feios e tortos, indefinidos, trincados, os abandonados, ásperos e tristes. Contava-lhes sobre sua vida de menina, misturada com a vida de menina do livro que ela lia e relia” (p. 26). ▶

No segundo capítulo, a ênfase recai sobre os antecedentes da enchente, que revelam o preparo da menina para enfrentá-la. No final dele, em meio à destruição, sobressai a ideia de resistência: os muros que ouviam os segredos de Nenenzinha “foram os últimos a desabar. Pareciam querer se certificar de que ela e a família estavam a salvo, para só depois se deixarem levar pelas águas” (p. 45). Assim, o hábito de Nenenzinha de “praticar coragem” raspando as unhas nos muros e todas as experiências vividas por ela mostram-se fundamentais na hora de enfrentar a tragédia: “Restou uma família bem destroçadinha. Sem casa, sem muros. Mas, antes da inundação, muita coisa aconteceu” (p. 46).

O capítulo final revela a importância da **memória** como instrumento para lidar com a **morte**: “Houve muros que demoraram a desabar. Eram os preferidos da tia menina. Os muros velhos, tortos e feios, os abandonados, trincados, indefinidos, ásperos e tristes. Eram os que ouviam a história que ela contava” (p. 77). A ênfase, aqui, está nas histórias que os muros guardavam, as quais continuarão a ser contadas por Nenenzinha. O desamparo após a enchente é, portanto, relativo, passageiro. Os muros desmoronaram, mas Nenenzinha não.





Esse trecho aparece no final do primeiro capítulo e é repetido com pequenas variações no final dos seguintes (p. 45 e 77). A própria repetição, desse e de outros trechos, materializa os mecanismos da memória, que não é linear nem exclui a imaginação. Frequentemente, quando nos lembramos de algo distante no tempo, preenchemos as lacunas do vivido com informações e imagens que não correspondem exatamente aos fatos. Além disso, cada vez que recordamos o passado, o fazemos de modo diferente; dificilmente nos lembramos do mesmo fato da mesma forma. Já diz o ditado popular: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Portanto, memória e invenção andam juntas.

MORTE

A memória e a imaginação são também recursos para lidar com a morte. Célia elabora a experiência da perda da mãe com a brincadeira de imaginar a morte das pessoas. Às vezes, os pensamentos a atormentam. Na maior parte do tempo, porém, acha divertido falar do assunto, o que não deixa de ser um jeito de lidar com a perda, desfazendo tabus, tratando a morte como algo natural. No entanto, Nenenzinha preocupa-se: acha mórbida a obsessão da sobrinha e tenta convencê-la de que tais pensamentos são “coisa doentia e macabra”, algo impróprio para uma menina de oito anos.

Talvez o incômodo de Nenenzinha também expresse os preconceitos de uma sociedade que transformou nascimento e morte em eventos hospitalares, institucionalmente administrados, separados do cotidiano.



CONTOS DE FADAS

Outro exemplo de repetição com variações pode ser identificado no uso que a narrativa faz dos contos de fadas. A personagem Delminda, madrasta má e vaidosa, que oprime os enteados e os obriga a trabalhar, lembra imediatamente a história de Cinderela, a Gata Borralheira, conhecida principalmente na versão de Charles Perrault (1628-1703), de 1697. Cinderela é órfã de mãe e vive com o pai, rico comerciante, a madrasta e suas duas filhas. Quando seu pai morre, a madrasta e as filhas, invejosas de sua beleza, escravizam-na, forçando-a a se ocupar de todos os serviços domésticos e tratando-a com desprezo e crueldade. A salvação da Gata Borralheira vem de fora, por magia: é a fada madrinha quem possibilita sua ida ao baile no castelo, onde conhece o príncipe que a salvará das garras da madrasta.



▶ Até o século XX, nascimento e morte ocorriam principalmente em casa, no ambiente familiar, marcando o ciclo da existência. Era permitido às pessoas vivenciar plenamente esses momentos, dar sentido a eles como parte natural da vida. Sem embargo, com os progressivos avanços médicos e tecnológicos em curso desde o século XIX e o esfacelamento das organizações sociais comunitárias, principalmente nos grandes centros urbanos, essa situação mudou. Hoje, se o nascimento continua a ser celebrado, a morte é considerada tabu e, literalmente, obscena, ou seja, o que deve ficar “fora de cena”, oculto. Morrer tornou-se algo apartado do cotidiano, um ato extraordinário, vergonhoso e solitário.

O mesmo tratamento é dado ao envelhecimento num mundo em que prevalece o culto à juventude. Assim, evita-se a todo custo mostrar as marcas da velhice ou falar dela, que também nos aproxima da morte. Ao lado das cirurgias plásticas, proliferam as operações na linguagem: “terceira idade” virou “melhor idade”; “velho” ou “velha” são consideradas palavras ofensivas.

No ensaio “O narrador”, o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) analisa como a transformação da ideia de morte ao longo dos tempos relaciona-se com a perda da capacidade de contarmos histórias e compartilharmos experiências: “É no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem ▶

Na história de Branca de Neve, popularizada pelos irmãos Grimm, a madrasta é uma bruxa que tenta matar a enteada quando a beleza da menina começa a despontar. A vaidade extrema é um dos traços de Delminda, várias vezes chamada de bruxa ao longo do livro, “a bruxa tão bela quanto brava” (p. 31). No segundo capítulo, a cena em que as crianças costumam enquanto Delminda penteia-se diante do espelho, admirando a própria beleza, lembra o conto de fadas. Como no caso da rainha má, que oprime todos a seu redor, ninguém ousa enfrentar Delminda: “Sebastião não era horrível. Não forçava os sobrinhos a trabalhar de segunda a domingo na lida de varrer, limpar e lavar – coisas exaustivas a que tia Delminda os obrigava sem dó. O tio fechava os olhos para essas coisas, não por falta de afeto pelos sobrinhos, mas por falta de coragem de enfrentar a beleza e a braveza que o enfeitiçavam” (p. 10). A mesma frase é repetida, com pequena variação, quando Delminda proíbe as crianças de comer pão no jantar: “Sebastião aprovou a medida, a coisa comedida, não por economia, mas por falta de coragem de discordar da beleza e da braveza da Delminda” (p. 19).



▶ pela primeira vez uma forma transmissível”*. Com a morte banida da vida cotidiana e o moribundo isolado em um hospital, elimina-se também a transmissão mais verdadeira da experiência e das histórias de vida.

Em *A guardiã dos segredos de família*, o modo lúdico de Célia relacionar-se com a morte, sem escamoteá-la, soa ofensivo. Mas a própria Nenenzinha trata da morte ao propor que as crianças façam sua árvore “genial e lógica”. Para manter os parentes vivos – na árvore, “todo mundo vive pra sempre”, assegura a tia (p. 55) –, é preciso falar sobre como viveram e também morreram. É o caso do tio Paulo: as crianças lembram que morreu afogado e que, em vida, era conhecido pelas histórias de assombração. Ao longo da conversa, os irmãos começam a elaborar o conceito de morte como fato da vida, algo que acontece a todos, de diferentes maneiras. No fim das contas, a atividade proposta por Nenenzinha conjuga vida e morte, propiciando o compartilhamento da memória entre as crianças.

* BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas*, v. I: *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 207.

Mas o feitiço de Delminda não atinge Nenenzinha. Na história de Stella Maris Rezende, os órfãos são salvos pela, tia que, em princípio, seria tão frágil e vulnerável quanto eles: “Eram quatro órfãos, mas não eram tristes. Eram até muito contentes, para quem perdeu a mãe tão cedo e tinha uma bruxa por madrasta. Eles tinham a tia Nenenzinha, a menina guardiã” (p. 48). Assim, *A guardiã dos segredos de família* mostra como a salvação pode vir de dentro; como um indivíduo pode transformar a própria história e ajudar os outros. Nenenzinha afasta-se dos pais, exila-se voluntariamente de sua família, faz-se também órfã para poder cuidar dos sobrinhos. Em meio a toda adversidade, ela mantém a família unida, não só porque protege os sobrinhos da tia má. Nenenzinha não é destrutiva ou vingativa; fica brava quando precisa, mas não estimula o sentimento de ódio nos sobrinhos, apoiando Niquinho quando o menino quer levar goiabas para a madrinha-madrasta, mesmo sabendo que ela não merece. Também prefere não contar ao tio que Delminda cometeu adultério, guardando mais esse segredo.



SUGESTÕES DE LEITURA

PARA O ALUNO:

- BENAMEUR, Jeanne. *Se até as árvores morrem*. Tradução: Luciano Machado. São Paulo: Edições SM, 2006. O livro trata da morte e da experiência do luto vivida por duas crianças. Com o pai em coma e a mãe ausente, mergulhada no próprio sofrimento, Matias e Celina terão de elaborar a perda e reaprender a viver sem o pai.
- TEOBALDO, Délcio. *Pivetim*. São Paulo: Edições SM, 2009. O personagem que dá título à obra é um menino vivendo em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro. A história trata dos problemas do desamparo, da fome e da violência vividos por Pivetim e seus amigos. A brutalidade do cotidiano não apaga o olhar infantil, muitas vezes ingênuo, dos menores de rua.



PARA O PROFESSOR:

- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. São Paulo: Zahar, 2001. O sociólogo alemão analisa como a morte é compreendida e tratada no Ocidente e sua transformação em uma experiência asséptica e solitária. O livro traz também a conferência “Envelhecer e Morrer”.

CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

- O livro de Stella Maris Rezende levanta o problema do trabalho infantil. Delminda obriga os sobrinhos a trabalhar todos os dias nas lides domésticas, exigindo até que costurem a própria roupa, que ela se recusa a comprar. A atitude criminosa de Delminda é recoberta por um discurso edificante: “Costurar é uma arte muito bonita, eu me arrependo muito de não ter aprendido a costurar, preciso comprar pronto, mas eu tenho marido, marido serve é pra isso. Vocês estão na idade de aprender. A idade de aprender é a mais bonita da vida” (p. 18). Para resolver esse problema, Nenenzinha aprende a costurar, confecciona as roupas das crianças e as auxilia nos trabalhos domésticos, pondo freios à exploração de Delminda: “Ela gostava de brincar de guisadinho, chicotinho-queimado, pular

maré, de cantar e dançar cantigas de roda na rua” (p. 10-11). Assim, quando a tia começa a exagerar nas obrigações, Nenenzinha se impõe com vigor: “– Agora é hora de criança brincar, viu? Tchau pra quem fica!... [...] Graças à tia Nenenzinha, os quatro órfãos brincavam na rua, iam passear, divertiam-se nas chácaras vizinhas, tinham até vida boa” (p. 16).

A fim de preparar a análise desses e de outros trechos do livro, o professor pode organizar um debate, antecedido por uma pesquisa, sobre o trabalho infantil no Brasil e no mundo: de que formas ele se manifesta? Em que lugares? O que diz a lei sobre esse tipo de trabalho? Como é visto pela sociedade? Que iniciativas podem ser tomadas para combatê-lo? A pesquisa pode ser realizada na biblioteca da escola e também em casa, incluindo fontes como a Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Declaração Universal dos Direitos da Criança, jornais, revistas, *sites*.

- A partir desse debate sobre trabalho infantil, pode-se propor uma atividade em conjunto com o professor de Artes. A classe é dividida em grupos, cada qual encarregado de confeccionar um painel, com textos e imagens (desenhos, fotos, pinturas), denunciando um tipo específico de trabalho infantil que ocorra ainda hoje, no Brasil e/ou em outro país. No final, os trabalhos são apresentados em classe e, depois, expostos em um mural para o restante da escola.



DURANTE A LEITURA

- Um dos principais acontecimentos do livro é a realização da árvore genealógica da família. Ao fazê-la, as crianças aproximam-se de seu passado, das fotos e histórias familiares; elaboram a noção de morte; compartilham memórias, segredos e experiências. O professor pode analisar o papel da árvore “genial e lógica” na narrativa, na vida das personagens, ao longo do terceiro capítulo, explorando, também, os possíveis sentidos do trocadilho involuntário de Nenenzinha: por que a árvore familiar é genial? Por que é lógica, faz sentido? Ao final da leitura, o professor propõe que cada aluno construa a árvore genealógica de sua família, incluindo pelo menos pais, irmãos, tios e avós. A atividade envolve primeiramente uma pesquisa a ser realizada em casa: os alunos recolhem fotos e histórias dos familiares, datas de nascimento e morte etc. O material é trazido para a sala de aula, e os alunos montam a árvore. No final, os que desejarem apresentam sua árvore para a turma, falando sobre ela como um

todo e escolhendo um ou dois parentes sobre os quais gostariam de contar algum caso.

Na apresentação geral, é importante que o professor estimule os alunos a observar as diferenças entre as árvores. Haverá quem não tenha irmãos ou tios, quem tenha perdido pai, mãe ou algum parente próximo, filhos de pais que se casaram novamente, casos de adoção ou de filhos de uniões homoafetivas. A exposição das diferenças pode embasar um debate sobre as novas configurações familiares, passando por questões como o preconceito perante famílias fora do padrão tradicional.

APÓS A LEITURA

- O transbordamento das águas da represa de Três Marias é peça-chave no enredo de *A guardiã dos segredos de família*. Antes de ser uma alegoria de todas as dificuldades que a protagonista enfrenta, a tragédia assinala um problema concreto da realidade brasileira. Todos os anos, na estação de chuvas, diversas regiões do país sofrem com a falta de estrutura, segurança e saneamento básico. Desabamentos de encostas provocam mortes e bloqueiam estradas. Enchentes fazem milhares de desabrigados. Além disso, a existência da represa remete também ao drama da construção de barragens no Brasil, que envolve desapropriação de terras, expulsão de trabalhadores e, às vezes, o desaparecimento de comunidades inteiras, sem indenizações justas nem medidas satisfatórias de reparação. Esse processo pode ser tão violento, trágico e desnorteador quanto uma catástrofe natural.

Tendo isso em vista, propõe-se aos alunos a realização de uma pesquisa sobre flagelados por enchentes e chuvas e sobre populações atingidas pela construção de barragens. Tal pesquisa pode ensejar, num segundo momento, um debate crítico sobre a situação das represas no Brasil. Um bom gancho é a construção da represa de Belo Monte (em Altamira, no Pará), que tem gerado polêmica desde muito antes do início das obras, em 2011. Boa fonte de pesquisa é o *site* do Movimento dos Atingidos por Barragens (www.mabnacional.org.br), um dos mais antigos movimentos sociais do país. A mobilização das pessoas vitimadas pela construção de barragens é também um exemplo de resiliência e auto-organização em defesa de direitos, que remete à atitude de Nenenzinha e devolve a discussão ao livro.



ELABORAÇÃO DO GUIA: CHANTAL CASTELLI, DOUTORA EM TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA PELA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FFLCH/USP), REVISÃO MÁRCIA MENIN, DIAGRAMAÇÃO AM PRODUÇÕES.